

Econ. Brasil

Remédio velho

Não se pode hoje examinar a economia brasileira usando o velho prisma que funcionava até 1994. O real de fato mudou a economia do país, a começar pelo comportamento dos consumidores. Também as empresas, em todos os níveis de produção e comercialização, tornaram-se mais sensíveis ao mercado.

Trata-se, portanto, de erro grave imaginar que o Brasil está de volta ao processo inflacionário que existia antes da URV e do real. A economia adquiriu defesas capazes de neutralizar movimentos de alta de preços nos velhos moldes.

O que os índices dos institutos de pesquisa captaram em janeiro e fevereiro foi uma mudança nos preços relativos de correntes do novo regime cambial. Não foi detectado — até agora — um fenômeno de elevação generalizada dos preços capaz de ganhar aceleração incontrolável. As primeiras estimativas de março e abril sugerem que o impacto inicial deve arrefecer. E, à medida que o câmbio se normalize, é concebível até um recuo nos reajustes de preços diretamente associados à oscilação do dólar.

Mesmo que esse cenário se revele otimista demais, ainda será inoportuno e contraproducente buscar fórmulas de reindexação salarial na expec-

tativa de que isso levará a uma recomposição do poder aquisitivo dos trabalhadores. Em vez de anular os possíveis efeitos da inflação, a reindexação salarial somente serviria para agravar o processo inflacionário.

A livre negociação continua sendo o caminho mais adequado para recompor salários reais. E a maioria dos sindicatos vem dando freqüentes demonstrações de que ganhou experiência no relacionamento com os empresários. É revelador, a propósito, o acordo firmado com as empresas montadoras de automóveis em São Paulo, numa conjuntura extremamente difícil para o setor. Chegou-se a um acerto pelo qual, tanto quanto possível, reduziram-se as perdas para todos os interessados — e até o setor público foi levado a dar também uma contribuição, com a redução da carga tributária incidente sobre os preços dos veículos.

As propostas de empunhar a bandeira da indexação salarial também não têm a adesão unânime da oposição, onde muitos estão cientes de que os trabalhadores não se deixam mais tentar pela ilusão de um sistema que, na prática, corrói em vez de recuperar o valor real dos salários. Negociação é, portanto, a palavra-chave — certamente mais produtiva que qualquer instrumento de indexação salarial.

...somente
serviria para
agravar o
processo
inflacionário